

# Trajetórias e Mobilidades: uma família indígena Atikum no Cangaço<sup>1</sup>

Maria Tereza de Melo Cavalcanti<sup>2</sup>

Universidade Federal de Alagoas (UFAL/Alagoas)

Palavras-chave: Atikum; Cangaço; Mobilidade.

## Introdução

“A polícia queria me pegar e eu fugi. Bati mão da espingarda. Andei só muito tempo, Depois encontrei Lampeão e fiquei com ele” (Domingos dos Anjos/Serra Uman)<sup>3</sup>.

Este artigo apresenta uma releitura do meu trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e constitui um recorte da minha dissertação em andamento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Alagoas. Na dissertação, abordo as complexas redes de relações entre indígenas e cangaceiros nos sertões nordestinos, pensando essas relações a partir de dinâmicas situacionais específicas, levando em consideração os contextos históricos, sociais e econômicos desses sertões.

Durante análise dos documentos oficiais, como mensagens entre governadores estaduais, periódicos e *Boletins Diários* da Polícia Militar, deparei-me com a participação da família de Domingos dos Anjos de Oliveira<sup>4</sup> no fenômeno do cangaço. Conhecido na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas (PPGAS/UFAL), com pesquisa financiada pela CAPES.

<sup>3</sup> Os cangaceiros que vivem na Casa de Detenção do Recife. *A Província*, Pernambuco. 8 de fev. de 1929. Edição 033, p. 3. Disponível em: [https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066\\_02&Pesq=%22canga%20%20serra%22&pagfis=22744](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&Pesq=%22canga%20%20serra%22&pagfis=22744). Acesso em 07 de jan. de 2024.

<sup>4</sup> Existem intercorrências na grafia de Domingos dos Anjos, em alguns documentos me deparei com “Domingos dos Anjos Oliveira”, em outros “Domingos dos Anjos de Oliveira”, adotei neste artigo o nome “dos Anjos de Oliveira”, o qual me deparei com maior frequência nos documentos oficiais.

época como Serra Uman<sup>5</sup> ou Mão Foveira<sup>6</sup>, ele despertou meu interesse para uma análise mais profunda, visando compreender não apenas a entrada desses indivíduos no bando de Lampião, mas também como essa integração contribuiu para o estabelecimento das relações entre indígenas e cangaceiros no Semiárido do Nordeste.

O presente trabalho tem como objetivo central repensar as complexas dinâmicas de mobilidades e as trajetórias de vida da família dos Anjos de Oliveira, destacando especialmente o indígena Domingos dos Anjos de Oliveira. Pretendo compreender os intrincados processos de reconfiguração socioespacial desencadeados pela entrada da família no cangaço, integrando o bando de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. Para isso, proponho uma reflexão baseada nos conceitos de valores morais e códigos de honra que permeavam os sertões nordestinos, especificamente em Pernambuco.

Por meio da análise de periódicos e da revisão bibliográfica acerca dos povos indígenas no Nordeste, do povo Atikum e do fenômeno do Cangaço, busco entender não só as trajetórias e mobilidades, mas também como estas eram representadas nos jornais da época. Considero algumas categorias sociais, como, por exemplo, “caboclo” e “cangaceiro”, e compreendo que os periódicos construía suas próprias narrativas e que os discursos não eram isentos de posicionalidade, muitas vezes legitimando processos que buscavam justificar marginalizações de outros grupos sociais (Chartier, 1990, p. 17). Portanto, é necessário analisar os periódicos entendendo os contextos específicos em que essas reportagens ou documentos foram produzidos, quais eram os interesses implícitos e o contexto sociocultural de quem estava produzindo esses relatos. Muitos desses documentos eram elaborados e fornecidos pelas forças policiais públicas e por representantes governamentais.

---

<sup>5</sup> Nas documentações analisadas, pude encontrar algumas grafias utilizadas para referenciar Domingos dos Anjos de Oliveira. No decorrer do texto utilizaremos a grafia “Serra Uman” para referenciar o indígena cangaceiro e que pode ser encontrada na maioria dos periódicos e nos documentos oficiais da Polícia Militar do Estado de Pernambuco. Entretanto, as formas, “Serra Man”, “Fera Humana”, “Serra Human” e “Serra do Man”, também foram observadas, mas apareceram em poucos documentos. Dessa forma, as outras grafias serão mantidas quando citados trechos desses documentos.

<sup>6</sup> Em alguns registros pode encontrar o vulgo de Mão Foveira para retratar-se a Domingos dos Anjos, no entanto, não há estudos suficientes para compreender as motivações para esse codinome. O *Jornal Pequeno*, refere-se a Domingos dos Anjos tanto como “Serra Uman”, quanto por “Mão Foveira”, considerando o segundo vulgo por causa de sua pele do dorso das mãos serem “manchadas”. Gente Criminosa. *Jornal Pequeno*, Pernambuco. 8 de jan. de 1929. Edição 00006, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&Pesq=%22serra%20uman%22%20%22cangaceiro%22&pagfis=44875>. Acesso em: 20 de abr. de 2024.

O período em estudo abrange a década de 1920, especialmente entre os anos de 1924 e 1929, quando Domingos dos Anjos de Oliveira, seu pai, Raymundo, e seu irmão, Rufino, na época “caboclos da Serra do Umã” (Grünewald, 1993), pertencentes à Serra Umã<sup>7</sup>, engrossaram as fileiras do cangaço atuando juntamente com Lampião. Existem muitas lacunas sobre a presença de Domingos e seus familiares no bando de cangaceiros. A maior parte do acervo documental é posterior a prisão destes, quando Domingos começou a cooperar com as forças policiais públicas, e a passar pelos processos de julgamento. Nessa perspectiva, busco compreender e repensar as trajetórias, experiências e dinâmicas vivenciadas pela família Atikum, considerando os contextos de subalternização e marginalização vivenciados pelo povo Atikum, além das análises documentais e os recortes de jornais, bem como dos relatos feitos enquanto Domingos dos Anjos estava na Casa de Detenção em Recife. Pretendo compreender as motivações para o ingresso e permanência no cangaço e como essa decisão influenciou a reconfiguração socioespacial da família no sertão pernambucano.

Em alguns periódicos, é possível observar que a entrada de Domingos dos Anjos no cangaço foi motivada por questões de valores morais, além da existência de uma rixa familiar. Esse conflito surgiu quando a irmã de Domingos foi seduzida por um de seus primos, que se recusou a casar-se com ela (*Jornal Pequeno*, 1929, p. 1). De acordo com o indígena cangaceiro, em algumas de suas entrevistas para os jornais, sua adesão ao fenômeno foi uma resposta direta à violência sofrida por sua irmã, que feriu a honra de sua família. Nos sertões, tais questões eram frequentemente resolvidas a partir de um complexo *jogo de honra*, no qual prevalecia quem melhor compreendesse e se adaptasse às regras impostas (Bourdieu, 1989).

Portanto, neste artigo analiso os valores morais segundo Barth (1969), entendendo-os como fluxos culturais pelos quais os indivíduos pressupõem ações e situações. Nos sertões de Pernambuco, esses valores morais desempenhavam um papel importante e podiam ser feridos por ações específicas, como, por exemplo, o caso da desonra familiar. Assim, considero o código de honra como algo fluído e variável, um

---

<sup>7</sup> No período, a Serra Umã pertencia ao município de Floresta do Navio, atual cidade de Floresta, no Sertão de Pernambuco e não era Território Indígena. No entanto, somente em 1991, a cidade de Carnaubeira da Penha se emancipou de Floresta. A esse respeito ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/carnaubeira-da-penha/historico>. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

sistema complexo de valores e pressupostos empregados entre indivíduos e grupos, constituindo as noções de moralidade que regiam as coletividades (Rohden, 1999).

Durante o período em tela, existiam inúmeros conflitos familiares, principalmente envolvendo disputas entre famílias detentoras de “poder”, assim como entre famílias e cangaceiros, entre famílias e forças volantes, e entre cangaceiros e tropas volantes, provocando desequilíbrio nas estruturas sociais (Marques, 2001). As questões de valores morais e códigos de honra buscavam estabilizar essas estruturas, com a família sendo um elemento fundamental da estabilidade social nos sertões pernambucanos. Maria Isaura Pereira de Queiroz observa que os conflitos e desordens eram constantes; no nível familiar, a estrutura frequentemente se desintegrava, com os abandonos conjugais resultando na dissolução de grupos familiares (1965, p. 295). No contexto do cangaço, a fragilidade das bases sociais levava a sucessivos dismantelamentos das estruturas familiares. Contudo, nos sertões, a família permanecia um pilar essencial dos valores morais e dos códigos de honra. Portanto, foi nesse cenário de marginalização, injustiças e violências que a família Atikum engrossou as fileiras do bando de Lampião, buscando sobreviver às violências e perseguições que estavam sofrendo da polícia local e da família dos Marcolinos, após o conflito com estes.

### **Família e valores morais: uma vingança pautada no código de honra**

A inserção de famílias no cangaço é um fenômeno significativo na história dos sertões nordestinos. As famílias, os valores morais e os códigos de honra eram fundamentais para manter o equilíbrio das estruturas sociais (Duarte de Sá, 2018). Desse modo, a dinâmica familiar e a busca por justiça e vingança foram alguns dos elementos essenciais que levaram diversas famílias a se envolverem no cangaço.

Um exemplo notável é a família Sipaúba<sup>8</sup>, mencionada por Frederico Pernambucano de Mello (1985). Os Sipaúba, oriundos da Serra Umã (Imagem I), formavam um grupo de cangaceiros composto por parentes e amigos, unidos não apenas por laços de consanguinidade ou de compadrio, mas por uma perspectiva compartilhada de valores morais e códigos de honra. Outro exemplo marcante é a família Pereira.

---

<sup>8</sup> A família Sipaúba teve participação ativa no cangaço, através de indivíduos como João, Livino Cassiano e José Sipaúba. A grafia do sobrenome da família pode ser encontrada nos documentos de forma variada, como Sipahuba, Cipauba, Sipohubas, a depender dos documentos analisados. Ao longo do texto, utilizarei a grafia Sipaúba, sendo as outras grafias referenciadas de acordo com a fonte citada.

Sebastião Pereira, mais conhecido como Sinhô Pereira, e seu primo, Luiz Pereira da Silva, o Luiz Padre, foram precursores de Lampião e figuras proeminentes no cangaço. Diferentemente das famílias dos Anjos de Oliveira e Sipaúba, cuja entrada no cangaço foi motivada por questões de vingança, os Pereira eram “poderosos da terra” e eram envolvidos em brigas políticas com a família dos Carvalho (Duarte de Sá, 2018), adentrando no cangaço por assumirem a responsabilidade de resolverem as questões de honra da família.

Imagem I



Mapa do período em estudo. Nele conseguimos identificar aproximadamente onde a Serra Umã estava localizada, entre os municípios de Floresta e Salgueiro. Fonte: Mello, Frederico Pernambucano de. Quem foi Lampião? Recife: Zürich, 1993.

Essas famílias viam no cangaço um meio de “justiça” (Dutra, 2011) para se vingar das violências sofridas por seus familiares, em um espaço onde o poder da elite local era forte e centralizado (Chandler, 1980, p. 27). Portanto, na perspectiva de código de honra é preciso pensar que parte dos sertanejos eram “desprovidos de poder político ou econômico, esses segmentos sociais esteiam nesses valores não só suas concepções de

mundo, mas principalmente, critérios de avaliação de si próprios e dos outros” (Barros, 2007, p. 19). Nesse sentido, muitos indivíduos tinha a proteção à honra da família e às suas terras como prioridades nas dinâmicas sociais, então, quando a honra familiar era ferida, os membros sentiam-se no dever da vingança contra “as injustiças praticadas contra a honra e as vidas sua sou de seus familiares” (Barros, 1998, p. 167).

Mello (1985) descreve como essas famílias se estruturavam em torno desses princípios. No caso da família Sipaúba, a formação de um grupo de cangaceiros foi uma resposta direta às necessidades de proteção e retaliação. Para a família dos Anjos de Oliveira, o cangaço acabou sendo um meio de refúgio dadas as circunstâncias em que se encontravam, após Domingos assassinar o seu primo em uma emboscada (*Jornal Pequeno*, 1929, p. 1). Unidos na causa de defesa da honra, esses grupos familiares muitas vezes encontravam no cangaço formas de meio de vida, de vingança e de refúgio (Mello, 1985).

Sobre as rixas familiares, a desonra desencadeava conflitos e vinganças, a esse respeito, o *Diario de Pernambuco* observa que:

As brigas de família são tão tradicionais no sertão de Pernambuco quanto os espinhos de mandacaru ou carne de bode assada. Aparecem de tempos em tempos, em qualquer ponto da caatinga, e se estendem por anos a fio. A honra do sertanejo continua sendo mais importante do que a vida. E embora as velhas garruchas e espingardas soca-soca tenham sido trocadas pelos fuzis AR-15 e submetralhadoras Uzi, o componente emocional da vingança a um parente morto continua o mesmo de 1848, quando os Carvalho e os Pereira começaram a duelar em Serra Talhada<sup>9</sup>.

As contendas entre famílias era uma saga que perduravam por séculos, passando de geração em geração, incorporando um sistema de violência que buscava “defender” os princípios e a honra da família. Um exemplo é a família Ferreira, cujo patriarca era o pai de Lampião. O apogeu das rixas familiares entre os Ferreira e os Nogueiras foi marcado por acusações mútuas de roubo, incluindo tanto o furto de gado quanto de chocalhos usados para identificar os animais. Além disso, houveram alegações de invasões às pastagens de gado, intensificando ainda mais o conflito entre as duas famílias (Grunspan-Jasmin, 2016, p. 56).

---

<sup>9</sup> *Diario de Pernambuco*, 1 de agosto de 1997 *apud* Marques, 2002, p. 420-421.

A presença de famílias como os Sipaúba, os Pereira, os Oliveira e os Ferreira no cangaço nos permite compreender como os valores morais dos sertões moldavam a vida e as ações dos indivíduos. Muitas vezes, a entrada no cangaço era motivada pela vingança e restauração da honra, familiar ou individual. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (1998) observa que a questão da honra é fundamental para compreendermos as dinâmicas sociais dos sertões. De acordo com a antropóloga, a honra não era apenas um valor pessoal, mas um elemento essencial da identidade coletiva e da organização social. Dessa forma, as ações de vingança, frequentemente associadas ao cangaço, devem ser vistas como tentativas de reequilibrar a honra familiar e a ordem moral que havia sido ferida por ofensas graves, como o roubo, traição familiar ou desonra sexual ou de sedução, como no caso da família dos Anjos de Oliveira. Além disso, Luitgarde ressalta que a honra, nos sertões nordestinos, estava muitas vezes associada à virilidade, à capacidade de proteção e à disposição para a violência quando necessário (1998).

De acordo com Lia Zanotta Machado,

A honra é um conceito relacional e coletivo: é atribuído a uma totalidade que circunscreve “pessoas” frente a outras totalidades e é a partir desta totalidade que se desdobra em honra das pessoas. A honra atribuída a cada “pessoa” está na estrita dependência da atuação desta pessoa no eixo de regras hierárquicas de direitos e deveres (1984, p. 144).

A concepção de honra estava interligada à capacidade de seus membros de aderir às normas e expectativas sociais (Barros, 1998). Essas normas não eram apenas individuais, mas construída por uma coletividade, com a honra sendo entendida como uma prática fluída, dinâmica e relacional (Barth, 1969). Nos sertões pernambucanos da década de 1920, a honra estava diretamente associada a um conjunto de valores morais, éticos, sociais e a princípios de organização social (Machado, 1984) que regulavam as interações e as relações, incluindo a reputação e o respeito, baseados na coragem, generosidade, lealdade e capacidade de defesa (Barros, 1998). Os códigos de conduta definiam o que seria honroso ou vergonhoso, incluindo a defesa da família. Como também a ideia de vingança e justiça pelas próprias mãos, quando viam nisso uma forma de restaurar a honra.

Além disso, o reconhecimento social era crucial, pois a percepção dos outros sobre a honra de um indivíduo era tão importante quando a própria percepção (Barros, 2018).

A honra masculina e feminina serem interdependentes (Machado, 1984). Segundo Machado, o papel da mulher e a honra feminina está associada à questão familiar,

O homem, por condensar a externalidade de uso do valor da família, depende, em grande parte, da internalidade do valor da família concentrado na figura da mãe-esposa. Assim, a desonra da mulher é quando o comportamento desta rompe com os valores de virgindade e fidelidade constitutivos da identidade feminina sagrada. Estes valores estão concentrados na ordem do privado; referem-se ao seu comportamento com o companheiro e, mais do que isso, centram-se na dimensão mais privada da ordem privada: as relações sexuais. E é a ordem privada e doméstica que é sacralizada (1984, p. 144).

Dessa forma, a “externalidade do valor da família” refere-se à reputação da família vista pela comunidade externa. Ou seja, a honra da família era um aspecto público, dependente da reputação e do comportamento de seus membros, especialmente em relação aos valores de integridade, coragem e lealdade. Nesse contexto, a desonra à mulher quebraria tais valores morais e códigos de honra e de conduta, desonrando não só a família, mas também ferindo a honra dos ancestrais (Barros, 1998).

Portanto, foi diante de um cenário de desonra a sua irmã e a sua família que Domingos dos Anjos de Oliveira, o Serra Uman, entrou no cangaço,

Alli pelo anno de 1924, Domingos Oliveira se indispoz com a familia dos Marcolinos, moradores na fazenda “Molumgú” ao pé da Serra, por haver José Marcolino, um dos seus membros, seduzido uma sua irmã. Recusando-se o seductor casar Domingos como todo sertanejo cheio de rancorosos preconceitos compreendeu que José Marcolino, o autor da infelicidade de sua irmã, não devia mais viver, e assassinou o numa volta de caminho da propriedade “Molumgú” refugiando-se em seguida em um dos muitos esconderijos da serra. Passou-se algum tempo e eis senão quando “Serra Uman” se apresenta candidato ás hostes de “Lampeão” (*Jornal Pequeno*, 1929, p. 6).

O ingresso de Domingos no cangaço nos mostra as dinâmicas de honra, vingança e sobrevivência dos sertões pernambucanos e como estas moldavam as trajetórias individuais e familiares. As experiências de Serra Uman nos permitem compreender a reconfiguração socioespacial causada pela entrada da família indígena no cangaço e as complexas relações socioculturais nos sertões pernambucanos.

## **Entre trajetórias e mobilidades: a família Atikum no cangaço**

As trajetórias e mobilidades da família dos Anjos de Oliveira ilustram os complexos processos de reconfiguração socioespacial vivenciados por inúmeros indivíduos nos sertões nordestinos. Esses processos envolveram não apenas movimentos físicos através do território, mas também transformações significativas nas identidades sociais, nos papéis familiares e nas redes de relações socioculturais. Um ponto fulcral para compreendermos esses complexos processos são as questões das categorias identitárias, como o termo “caboclo” e “cangaceiros”, por exemplo. No período em questão, o termo “caboclo” era designado para se referir tanto aos indígenas quanto a diversos grupos sociais dos sertões nordestinos, incluindo os cangaceiros. No entanto, o sentido da palavra “caboclo” era uma das maneiras de tentar deslegitimar e inviabilizar os povos indígenas (Pace, 2006, p. 80), que estavam em processos de reconhecimento junto aos órgãos públicos, em especial ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Sendo assim, os indígenas que viviam na Serra Umã eram chamados de “caboclos da Serra do Umã” ou “caboclos da Serra” (Grünewald, 1993).

No *Jornal Pequeno*, podemos ver uma passagem de entrevista, em que o termo “caboclo” foi utilizado para se referir aos indígenas da Serra Umã e o motivo do codinome de Domingos dos Anjos ser Serra Uman. A reportagem, sem autoria, comenta não só sobre o “egresso do cangaço”,

Falámos, hontem, na Detenção, a, Domingos dos Anjos Oliveira, tambem conhecido por “Serra Uman” ou “Mão foveira”.  
“Serra Uman” é um sertanejo magro, de estatura mediana, pardo, de 39 annos, que apresenta a pelle do dorso das mãos manchadas, o que lhe valeu o apellido que tem, de “mão foveira” sendo que o de “Serra Uman” vem de ser ele um dos “caboclos da serra” que é assim que se chamam os habitantes da “Serra dos Umans” prodigiosa serra que se distende de leste para oeste do município de Floresta, enriquecendo-a com a fecundidade ao seu solo uberrimo (*Jornal Pequeno*, 1929, p. 6).

Nessa perspectiva, o termo “caboclo” não era somente para definir características físicas, mas para inviabilizar os processos vivenciados por povos indígenas do Nordeste brasileiro. Dessa forma, o uso do termo servia para marginalizar as identidades e as experiências desses grupos, situando-os em categorias que tinham o intuito de deslegitimá-los. Portanto, como analisa Claudia Mura,

Diversamente do termo “índio”, que designa um grupo restrito com consciência étnica, “caboclo” indica uma origem comum mais abrangente, permitindo às pessoas se aproximarem e se identificarem com ela sem pertencerem a um grupo étnico diferenciado (2013, p. 49).

O termo era utilizado de forma pejorativa e de subordinação, inserindo povos diversos em uma categoria genérica. A análise de Mura nos permite compreender como o uso estratégico de termos impacta diretamente a forma como os grupos indígenas eram percebidos nos contextos sociais. Sendo assim, o uso da categoria “caboclo” se revela como uma prática de poder, refletindo as dinâmicas de dominação e resistência presentes nos contextos dos sertões pernambucanos.

Além disso, o termo “caboclo” também era utilizado como um marcador de características físicas. O *Jornal Pequeno* nos permite observar como essas categorias eram representadas no período, se referindo ao “rei” do cangaço como

[...] um homem moço e forte aparentando seus 27 anos, Caboclo moreno, estatura regular, é franzino parecendo muito ágil, olhar perscrutador, vista sem baixa, cabelos estirados e pretos, cahidos sobre os olhos, cabelleira inteira, pelo lisa, afigurando um tipo de beduíno, com um signal na face direita, uma vista perdida, uma pasta azulada cobrindo quase todo o globo ocular [...] (*Jornal Pequeno*, 1929, p. 3).

Nessa passagem, é possível perceber a cristalização do termo “caboclo” como uma categoria identitária do sertanejo nordestino, colocando Virgulino como um “caboclo” do sertão, assim como os indígenas Atikum. Como já analisado e problematizado por outros pesquisadores, como, por exemplo, Magalhães Lima (1999), Mura (2013), Pacheco de Oliveira (2004) e Silva (1996), o termo “caboclo” era utilizado para inviabilizar os povos indígenas, referir-se ao indivíduo “mestiço” (Oliveira, 1997) e ao sertanejo nordestino. Dessa forma, os periódicos eram propagadores e cristalizadores dessas concepções e categorizações, reafirmando os ideais das elites e de intelectuais do período, que buscavam especificar e generalizar uma categoria social dotada de identidade e processos históricos (Magalhães Lima, 1999).

Foi diante desse contexto que as trajetórias da família dos Anjos de Oliveira foram se construindo, em meio a vivência na comunidade, a conflitos territoriais, com as

constantes invasões dos fazendeiros e gados que viviam ao pé da Serra e questões de valores morais. Após vingar a desonra sofrida por sua irmã, Domingos se viu em uma intensa necessidade de fuga das represálias e da força policial, utilizando os deslocamentos como uma forma de sobrevivência. Nos periódicos e nos livros, o nome de Serra Uman é pouco explorado, porém, o pesquisador Bismarck Oliveira (2020), escreveu histórias sobre os cangaceiros de Lampião, quem foram, seus codinomes e alguns confrontos que participaram, apresentando um pequeno panorama das empreitadas nas quais Domingos dos Anjos e seus familiares estiveram envolvidos.

Houve circunstâncias para que a família adentrasse no cangaço e encontrasse no fenômeno um refúgio às perseguições e ameaças. Assim, os integrantes da família dos Anjos de Oliveira foram se adaptando e construindo novas trajetórias. Os bandoleiros participaram de diversos confrontos em várias regiões de atuação do cangaço, como em Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Após o ataque a cidade de Mossoró (RN)<sup>10</sup>, Lampião e os cangaceiros do seu grupo passaram por Limoeiro do Norte (CE). De acordo com Isabel Lustosa (2011, p. 71),

Dois dias depois desse desastre, Lampião e seu bando chegavam a Limoeiro do Norte, no Ceará. Dessa vez, a mensagem avisando de sua chegada, e aconselhando a polícia para que ficasse de longe, foi prontamente obedecida. A polícia se afastou, seguida de mulheres e crianças das famílias mais importantes, e mandou-se matar um boi para alimentar os visitantes. Quando o bando entrou na cidade, ando dádivas ao Ceará, ao governador Moreira da Rocha e ao Padre Cícero, foi muito bem recebido pelas autoridades e pelo povo. Depois de tranquilizar a todos dizendo que seus homens eram disciplinados e que a população estava em segurança, Lampião negociou com as autoridades locais o valor do resgate que a cidade deveria pagar ao bando. Em seguida, os cangaceiros foram às compras no comércio local e à igreja para rezar, dando todos, a exemplo do líder, generosas esmolas. Antes de escurecer, posaram para um fotógrafo local, em grupo no qual aparecem os dois reféns, D. Maria e o coronel Antônio Gurgel. À noite, informados pelo telégrafo de que um destacamento tinha chegada à cidade vizinha, deixaram a cidade.

A imagem à qual Isabel Lustosa se refere foi retirada em junho de 1927, pouco tempo antes de Domingos dos Anjos ser preso pela força volante comandada pelo Tenente

---

<sup>10</sup> Em um trabalho crítico, Elizabeth Lima e Karlla Souza (2021), fazem uma interconexão entre cultura e política acerca do ataque de Lampião a Mossoró. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. Souza, Karlla Christiane Araújo. **Os jogos da política e a teia cultura de Lampião em Mossoró**. RIF, Ponta Grossa/PR, v. 19, n. 42, p. 28-49, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19291/209209215265>. Acesso em: 14 de jun. de 2024.

Arlindo Rocha em julho de 1927<sup>11</sup>. Entretanto, Domingos, Raymundo e Rufino estiveram envolvidos em outras empreitadas do cangaço, como o ataque à Vila de Nazaré em Pernambuco, em Juazeiro do Norte no Ceará, em Vila Bela em Pernambuco, construindo novas relações com o chefe do bando, com os outros integrantes e com a população, produzindo vida, lugares e experiências, utilizando seus conhecimentos para habitar o mundo, enfrentar as violências e perseguições, sobreviver e se reelaborarem nos diversos contextos que se deparavam.

## Imagem II



Grupo de Lampião e seus reféns em Limoeiro do Norte no Ceará. Fotografia de Chico Rodrigues – Acervo Raibruto<sup>12</sup>. Foto melhorada artificialmente.

Os escritos dessa fotografia nos apresentam os nomes dos cangaceiros presentes na imagem. No canto superior direito, em pé, encontra-se Serra Uman ou, “Serra D’Ouman”. O irmão e o pai não se encontram na foto, o que nos possibilita duas interpretações: ou Raymundo e Rufino estavam de vigia durante a fotografia, como outros cangaceiros, ou não participaram do ataque a Mossoró. Essa última é a menos relevante, uma vez que

<sup>11</sup> O *Boletim Geral* pode ser consultado no livro de Geraldo Ferraz de Sá Torres Filho (2003, p. 267). O Boletim de número 264 de 22 de novembro de 1927 nos apresenta uma extensa relação de “bandidos” mortos e capturados pela ação do Major Theophanes Ferraz Torres.

<sup>12</sup> Fonte: Brito, Raimundo Soares de. Nas Garras de Lampião (Diário) Edição – Revista e Ampliada. S/A, p. 49. Disponível em: <https://colecaoossoroense.org.br/site/wp-content/uploads/2018/07/Nas-Garras-de-Lampi%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

Lampião tentou reunir o maior número de bandoleiros para a tentativa malsucedida de assalto (Chandler, 1980).

Nas análises dos periódicos e dos Boletins Diários da Polícia Militar, o nome de Domingos dos Anjos aparece raramente, e o de seus familiares, menos ainda. No entanto, alguns recortes de jornais nos permitem observar e compreender partes das trajetórias e mobilidades desses três, principalmente após a prisão dos companheiros de Lampião. No livro de Bismarck Oliveira (2000), no qual podemos observar empreitadas em que Domingos dos Anjos participou, já nos jornais observamos a estadia de Serra Uman na Casa de Detenção do Recife e seus apelos pelo andamento dos processos em que era réu.

Os jornais *Gazeta de Noticias* (RJ) e *O Imparcial* (MA) noticiam a prisão de Serra Uman, afirmando que ele fazia parte do bando de Lampião e havia participado do ataque a Mossoró (*Gazeta de Noticias*, 1927, p. 10)<sup>13</sup>. *O Imparcial* é mais detalhado, apresentando um telegrama recebido pelo Chefe de Polícia de Pernambuco, Eurico de Souza Leão. O telegrama enviado pelo Major Theophanes Torres, comandante das tropas volantes de Pernambuco, afirma que

Os contingentes da polícia pernambucana capturaram o bandido Domingos dos Anjos, vulgo *Serra*, pertencente ao grupo de “Lampeão”. É ele um dos mais ferozes comparsas, tendo tomado parte no assalto de Mossoró. Declarou que “Lampeão” se encontra em situação precária, sem munição e faminto, fugindo á acção tenaz da policia pernambucana, auxiliada pelas de Parnahyba [Paraíba], Alagoas e Bahia (*O Imparcial*, 1927, p. 3)<sup>14</sup>.

Pouco tempo depois, surgem notícias da prisão de Raymundo e Rufino dos Anjos de Oliveira. De acordo com *O Paiz* (RJ), o telegrama recebido por Eurico de Souza Leão relatava:

Communico a V. Ex. que acaba de chegar a esta cidade o soldado Angelo Pereira Nunes da força auxiliar e commandado do tenente Arlindo Rocha, conduzindo correspondencia do dito official.

---

<sup>13</sup> Prisão de um assecla de “Lampeão”. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 26 de jul. de 1927, ed. 00176, p. 10. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_05&pesq=%22domingos%20dos%20Anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23053](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&pesq=%22domingos%20dos%20Anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23053). Acesso em: 10 de jun. de 2024.

<sup>14</sup> Pernambuco. *O Imparcial*. Maranhão, 26 de jul. de 1927, ed. 00415, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107646&pesq=%22domingos%20dos%20Anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2621>. Acesso em: 11 de jun. de 2024.

[...]

No lugar “Serrote”, município de Floresta, parte do contingente do tenente Arlindo tiroteou o indivíduo Emygdio Lopes, criminoso de morte naquele município, o qual depois de ferido se entregou às forças situadas na serra dos Circulos (Serra das Crioulas)<sup>15</sup>. Outro pelotão ainda da mesma força capturou os perigosos bandidos Raymundo dos Anjos, pai do bandoleiro Serra Uman, e Runino dos Anjos, que é também comparsa de “Lampeão”.

O alludido oficial capturou mais o indivíduo João Sipahuba, um dos celebres negros da Serra Uman, não se sabendo ainda por onde é o mesmo pronunciado. Salientando o valor da actuação do tenente Arlindo, espóso os desejos de V. Ex., no sentido de que os famigerados salteadores não tenham treguas até o completo extermínio do banditismo na zona sertaneja.

Respeitosas saudações. – Theophanes Torres, major commandante das forças do interior. (*O Paiz*, 1927, p. 4)<sup>16</sup>.

Essas matérias revelam uma complexa teia de relações de poder e o papel da mídia como cristalizadoras dessas relações. Os jornais não apenas informavam, mas também legitimavam e perpetuavam determinadas práticas de poder, especialmente as ações policiais contra o banditismo.

### Imagem III



Serra Uman (3) e Rufino dos Anjos (9) na Casa de Detenção do Recife em 1928. Entre os cangaceiros de Lampeão. *O Malho* (RJ), 29 de dez de 1928.

Em uma outra passagem, o *Diario Carioca* (RJ), apresenta uma reportagem feita pelo *Diario da Manhã* (PE), com algumas declarações de cangaceiros, incluindo Serra Uman,

<sup>15</sup> A Serra das Creoulas é atualmente a Serra Conceição das Crioulas, comunidade Quilombola localizada no município de Salgueiro em Pernambuco. A guisa de conhecimento ver: Silva, Gilvânia Maria da. **O Quilombo de Conceição das Crioulas: uma terra de mulheres, luta e resistência quilombola**. Universidade de Brasília, 2022. (Tese de doutorado em Sociologia).

<sup>16</sup> O Banditismo no Nordeste. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 13 de ago. de 1927. Edição 15637, p. 4. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_05&pesq=%22serra%20uman%22%20%22lampeao%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=30740](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%22serra%20uman%22%20%22lampeao%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=30740). Acesso em: 18 de abr. de 2024.

[...] um guarda solícito levou-nos á presença de um dos cabras mais temíveis de Lampião, enjaulado no raio Sul da penitenciária. Chama-se Domingos dos Anjos Oliveira, mas seu nome de guerra nos sertões onde espalhou o crime e a morte é o de “Serra do Man”. Foi condenado a trinta annos de cadeia. “Serra do Man” é quasi preto, tem 25 annos de idade e fala pouco. Phisionomia escaveirada, maçãs aggressivas, queixo prognata, olhos pequenos sem brilho. Sem qualquer rodeio, atiramos ao bandido uma pergunta sobre Lampeão. Os olhos chisparam-lhe de repente. Mas não quiz responder. Trancou-se num mutismo absoluto, hostile e feroz. [...] (*Diario Carioca*, 1929, p. 9)<sup>17</sup>.

Essas definições sobre Domingos como um homem feroz e violento, aparecem em diversos periódicos, como nos jornais *A Provincia* e no *Diario Carioca*. No entanto, os relatos sobre sua postura na Casa de Detenção do Recife indicam que Serra Uman era um homem calado e que cumpria suas funções (*Jornal Pequeno*, 1929, p. 1). De acordo com o *Diario da Manhã* (ES) e com Leonardo Motta, autor da matéria, Serra Uman foi um dos cangaceiros entrevistados que mais falou, mas “com ar respeitoso” (1930, p. 4)<sup>18</sup>.

A maneira como os jornais reportavam as prisões e as ações policiais pode ser vista como uma forma de consolidar termos, como *caboclo*, *cangaceiro*, *assecla*, e relações de poder. Ao noticiar de forma detalhada e dramática a captura de indivíduos como Serra Uman, os jornais ajudavam a construir a narrativa do poder estatal e policial sobre o caos e a violência representados pelo bando de Lampião. Essa cobertura jornalística não era neutra; ela reforçava a imagem da polícia como defensora da ordem e da segurança, legitimando suas ações muitas vezes mais violentas que a dos próprios cangaceiros e extrajudiciais (Chandler, 1980).

Além disso, o uso de telegramas como fontes primárias nas reportagens revela como a polícia se utilizava de ferramentas de comunicação para perpetuar sua imagem de domínio. Ao enviar mensagens detalhadas e enaltecidas sobre as capturas e a situação do bando de Lampião, figuras como o major Theophanes Torres não apenas informavam, mas também moldavam a opinião pública. Esses telegramas, ao serem publicados em

---

<sup>17</sup> Interessantes declarações de um companheiro do capitão legalista Virgolino Lampeão. *Diario Carioca*. Rio de Janeiro, 14 de fev. de 1929. Edição 00181, p. 9. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092\\_01&pesq=%22domingos%20dos%20anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2080](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_01&pesq=%22domingos%20dos%20anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2080). Acesso em: 19 de abr. de 2024.

<sup>18</sup> O “Prinspe”. *Diario da Manhã*. Espírito Santo, 15 de fev. de 1930. Edição 02254, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=572748&pesq=%22serra%20uman%22%20%22lampe%C3%A3o%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=33593>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

diversos periódicos, conferiam aura de oficialidade e urgência, fortalecendo a narrativa de uma polícia diligente e eficaz, favorecendo o *status quo* dessas relações de poder.

Assim, os jornais cristalizavam uma visão maniqueísta da realidade: de um lado, os cangaceiros, bandidos, ferozes e impiedosos; do outro, a força policial heroica e incansável que combatia os cangaceiros. Essa dualidade simplificava as complexas dinâmicas sociais e políticas da região sertaneja, inviabilizando as causas estruturais do banditismo e as violências cometidas pelo próprio estado. Dessa forma, como bem suscita Edward Herman e Noam Chomsky (1998), a mídia, dada suas proporções, serve aos interesses da elite, sendo posicionadas e moldando a opinião pública de maneira a favorecer as políticas e ações do Estado. Por isso é importante observar não só os jornais, mas quem estava por trás dele, os editores, os repórteres e quais posicionamentos estes lançavam para determinados assuntos. No contexto das matérias sobre Serra Uman, essa teoria se aplica ao observarmos como os jornais contribuíam para a aceitação pública das práticas violentas da polícia contra os cangaceiros, retratando essas ações como necessárias para a manutenção da ordem.

As trajetórias de vida de Domingos, Raymundo e Rufino foram moldadas a partir do momento em que engrossaram as fileiras do cangaço. Utilizando de diversos tipos de mobilidades para sobreviverem ao sertão, às perseguições e às violências, eles se organizaram para as empreitadas, construindo e mantendo uma teia de relações. As prisões de Raymundo e Rufino nas proximidades da Serra Umã mostram a complexidade dessa rede de relações, fortalecidas por laços de proximidade. Assim, as trajetórias de vida desses protagonistas foram moldadas por variados aspectos e em diversos momentos, especialmente durante o período em que estes participaram do cangaço e quando estiveram na Casa de Detenção do Recife.

### **Considerações Finais**

Portanto, a inserção de famílias no cangaço, com foco nos valores morais, ressalta a complexidade das dinâmicas sociais nos sertões nordestinos durante a década de 1920. A honra, tanto individual quanto coletiva, desempenhava um papel central na organização social, sendo fundamental para a identidade e a coesão das comunidades sertanejas. Famílias como os Ferreira, Oliveira, Pereira e Sipaúba encontraram no cangaço uma

forma de buscar justiça e retaliação diante das injustiças e violências sofridas, muitas vezes resultantes de conflitos políticos e brigas por questões de honra.

Os complexos processos de reconfiguração socioespacial vivenciados nos sertões nordestinos envolveram não apenas movimentos físicos, mas também transformações significativas nas identidades sociais e nas redes de relações socioculturais. Os relatos dos jornais e históricos sobre Domingos dos Anjos demonstram como a honra, a identidade e os valores morais moldavam suas ações e reações diante das injustiças e perseguições. A entrada de Serra Uman no cangaço exemplifica a importância da honra na vida sertaneja, levando a uma intensa necessidade de fuga e adaptação às novas circunstâncias. A prisão dele e de seus familiares acaba por revelar a complexa teia de relações de poder e o papel da mídia na cristalização dessas relações, legitimando as ações policiais e reforçando as práticas de dominação.

As empreitadas vivenciadas por esses protagonistas, além de serem estratégias de sobrevivência, também representavam formas de construção e manutenção de relações. Assim, as mobilidades da família dos Anjos, não foram apenas deslocamentos territoriais, mas processos de construção identitária e resistência frente às adversidades e às estruturas opressivas. A análise das trajetórias dessa família revela a resiliência e a capacidade de adaptação dos sertanejos, que, apesar das perseguições e das constantes ameaças, encontraram no cangaço uma forma de reafirmar sua identidade e lutar pela manutenção da honra familiar e do respeito. Portanto, a história da família dos Anjos de Oliveira nos proporciona uma perspectiva sobre as dinâmicas sociais, culturais e identitárias que moldaram a vida nos sertões nordestinos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das trajetórias e mobilidades elaboradas por eles.

## **Referências**

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Antropologia da Honra: uma análise das guerras sertanejas. **Revista de Ciências Sociais**, v. 29, n. 1/2, 1998.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A Derradeira Gesta**: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Cangaço – violência no Sertão do Nordeste. **Ponta de Lança**: revista eletrônica de história, memória & cultura. v. 12, 2018. 62-77. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/9317/pdf>. Acesso em: 20 de abr. 2024.

BARTH, Fredrik. **Ethnic Groups and Boundaries**: The social organization of cultural difference. Boston: Little Brown & Co, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião**: o rei dos cangaceiros. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

DUARTE DE SÁ, Giovanni Alves. **Honra, poder e parentela política**: reflexões sociológicas a partir de um estudo de caso no sertão pernambucano. Rev. Cadernos de Campo, Araraquara, n. 25, p. 209-228, jul./dez., 2018.

DUTRA, Wesceley Rodrigues. **Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2011. (Dissertação de Mestrado em História).

FILHO, Geraldo Ferra de Sá Torres. **Pernambuco no tempo do cangaço** (Antônio Silvino, Sinhô Pereira, Virgulino Ferreira “Lampião”): Theophanes Ferraz Torres: um bravo militar: 1926-1933. Recife: Bagaço, 2003.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Regime de índios e faccionismo**: os Atikum da Serra do Umã. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1993. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião**: senhor do Sertão: vidas e mortes de um cangaceiro. 1ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HERMAN, Edward S. CHOMSKY, Noam. **Manufacturing Consent**: the political economy of the mass media. The Bodley Head, 2008.

LUSTOSA, Isabel. **De olho em Lampião**: violência e esperteza. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

MACHADO, Lia Zanotta. Família, Honra e Individualismo. **VIII Encontro Anual da ANPOCS**. São Paulo, 1984.

MAGALHÃES LIMA, Deborah. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA**, vol. 2, nº 2, dez., 1999.

MARQUES, Ana Claudia Duarte Rocha. **Intrigas e Questões de Família**: Tramas Sociais no Sertão de Pernambuco Tese de Doutorado Museu Nacional – UFRJ PPGAS Orientador: Moacir Gracindo Soares Palmeira, 2001.

MARQUES, Ana Claudia Duarte Rocha. **Política e questão de família**. Revista de Antropologia, 45(2), 2002) p. 417-442. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012002000200005>. Acesso em: 10 de abr. de 2024.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol**: o banditismo no Nordeste do Brasil. – Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985.

MURA, Claudia. **Todo mistério tem dono!** Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

OLIVEIRA, Bismark. **Os cangaceiros de Lampião de A a Z**. Mídia Gráfica e Editora, 2024.

PACE, Richard. “Abuso científico do termo ‘caboclo’? Dúvidas de representação e autoridade”. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, **Ciências Humanas**, 1 (3), 2006, pp. 79-92. Disponível em [www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv1n3\\_2006/abuso\(pace\).pdf](http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv1n3_2006/abuso(pace).pdf). Acesso em: 20 de abr. de 2024.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. (Org.). **A viagem de volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.

ROHDEN, Fabíola. **Honra e família em algumas visões clássicas da formação nacional**. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, (48), 69–89, 1999.

SILVA, Edson. “Confundidos com a massa da população”: o esbulho das terras indígenas no Nordeste do século XIX. In: **Revista do Arquivo Público Estadual de Pernambuco**, n. 46, vol. 42, dez./96, pp.17-29.

Silva, Gilvânia Maria da. **O Quilombo de Conceição das Crioulas**: uma terra de mulheres, luta e resistência quilombola. Universidade de Brasília, 2022. (Tese de Doutorado em Sociologia).

## **Periódicos consultados**

Entre os cangaceiros de Lampião. *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de dez de 1928. Edição 1372, p. 28. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=%22serra%20uman%22%20%22lampiao%22&pagfis=68321>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

Gente Criminosa. **Jornal Pequeno**. Pernambuco, 8 de jan. de 1929. Edição 00006, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&Pesq=%22serra%20uman%22%20%22cangaceiro%22&pagfis=44875>. Acesso em: 20 de abr. de 2024.

Interessantes declarações de um companheiro do capitão legalista Virgolino Lampeão. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 14 de fev. de 1929. Edição 00181, p. 9. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092\\_01&pesq=%22domingos%20dos%20anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2080](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_01&pesq=%22domingos%20dos%20anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2080). Acesso em: 19 de abr. de 2024.

O Banditismo no Nordeste. **O Paiz**, Rio de Janeiro. 13 de ago. de 1927. Edição 15637, p. 4. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_05&pesq=%22serra%20uman%22%20%22lampiao%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=30740](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%22serra%20uman%22%20%22lampiao%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=30740). Acesso em: 18 de abr. de 2024.

O “Prinspe”. **Diário da Manhã**. Espírito Santo, 15 de fev. de 1930. Edição 02254, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=572748&pesq=%22serra%20uman%22%20%22lampe%C3%A3o%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=33593>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

Os cangaceiros que vivem na Casa de Detenção do Recife. **A Provincia**. Pernambuco, 8 de fev. de 1929. Edição 033, p. 3. Disponível em: [https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066\\_02&Pesq=%22canga%20c3%a7o%22%20%22serra%22&pagfis=22744](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&Pesq=%22canga%20c3%a7o%22%20%22serra%22&pagfis=22744). Acesso em 07 de jan. de 2024.

Prisão de um assecla de “Lampeão”. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 de jul. de 1927. Edição 00176, p. 10. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_05&pesq=%22domingos%20dos%20anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23053](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&pesq=%22domingos%20dos%20anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23053). Acesso em: 10 de jun. de 2024.

Pernambuco. **O Imparcial**. Maranhão, 26 de jul. de 1927. Edição 00415, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107646&pesq=%22domingos%20dos%20anjos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2621>. Acesso em: 11 de jun. de 2024.